

BENTO ANTAS DA CRUZ

O CASTELO DE FARIA

(CANCIONEIRO)



1943



4.3-1 A/Z "15/18"

SUJO DE PAPÉIS E TRES
ESTE ANTIGO CASTELLO
TINHA RECORDAÇÕES DE
GLORIA

A. Herculano—LENDAS e
NARRATIVAS.

Simples palavras ao leitor

CALIOPE, a musa predileta e que preside á poesia heroica, achou nas ruinas do Castelo de Faria o seu passatempo e, então, cantando, enaltece os feitos gloriosos dos antigos portugueses.

Tange a sua lira cheia de entusiasmo e mestria, fazendo a admiração dos amantes do bom gosto e das belas artes.

Dos seus cantos, revividos na ortografia original, fiz esta compilação que o leitor apreciará, dando-lhe o devido merecimento.

O AUTOR

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

MUNICÍPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 59886

Barcelana

ONDE NASCEU PORTUGAL

Fervendo-lhe no peito o duro Marte,

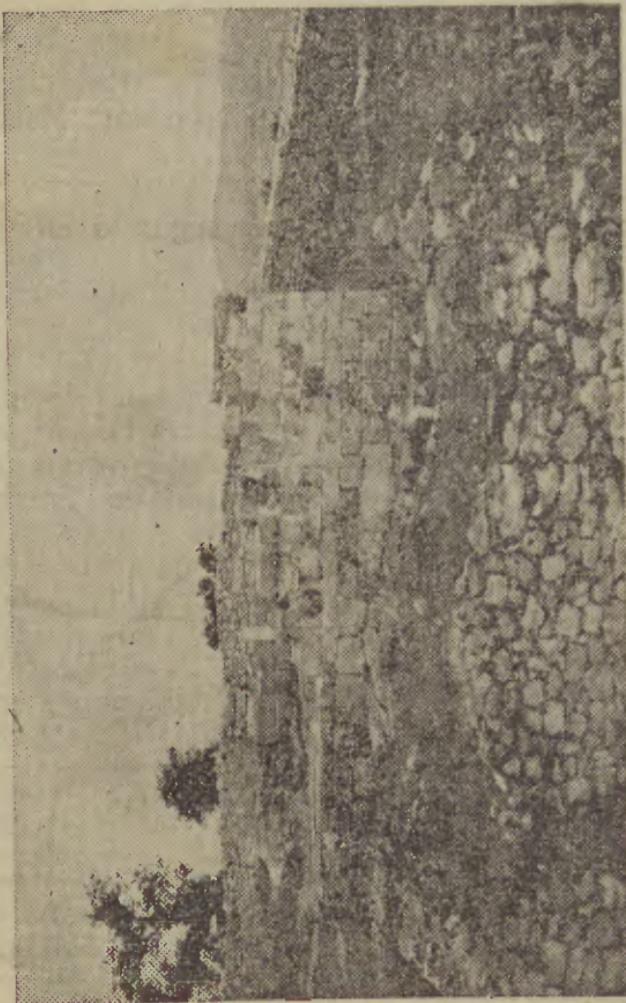
Ao propósito firme segue o efeito.

D. Afonso Henriques, ainda infante ou príncipe, com 18 anos de idade, revolta-se contra D. Tereza, sua mãe; por ela entregar as rédias do governo do Estado a Fernão Peres de Trava, conde de Trastá-mara, em Galiza. (1)

A guerra civil de 1127—28, põe à frente do movimento dos nobres insubmissos a tão despótico governo o jovem príncipe, que, auxiliado por eles, se apoderou dos CASTELOS de NEIVA e de FARIA.

E, por este ser o primeiro cometimento guerreiro de D. Afonso Henriques, foi aqui ONDE NASCEU PORTUGAL.

(1) — « A guerra que deu o governo do paiz a D. Afonso Henriques, não se pode dizer que fosse dirigida contra sua mãe D. Tereza, mas sim contra o conde de Trava que era então o verdadeiro soberano. »



Ruinas do célebre Castelo de Faria, no
monte da Franqueira

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte, e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade
O esp'rito deo a quem lho tinha dado :
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado;
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai tal filho se esperava.

Mas o velho rumor, não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta que a māi tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza.
O filho orpham deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pai lhas dera.

Mas o principe Afonso, que desta arte
Se chamava, do avó tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a māi com seu marido as manda, e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Resolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

GUERRA DEPLORAVEL COM CASTELA

Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

Em fevereiro de 1373, reinando entre nós D. Fernando, os castelhanos comandados por D. Pedro Rodrigues Sarmiento, adiantado da Galiza, invadiram a província do Entre Douro e Minho e chegaram até às imediações de Barcelos, onde se feriu a batalha de Echate (¹) e ficou cativo Nuno Gonçalves, alcaide-mór de Faria, que depois morreu heroicamente diante dos muros do seu castelo pelo não querer entregar ao inimigo. Sigue-se a obstinada resistência de seu filho Gonçalo Nunes, e a destruição da vila de Rates, cabeça do julgado de Faria. (²)

(1)—*Echate*, assim se chamou antigamente a freguesia de S. Tiago dos Feitos, no concelho de Barcelos, onde corria a estrada mais movimentada da cidade do Porto para a Galiza, conhecida também por Estrada Real.

Há na freguesia dos Feitos o logar da *Festa dos Mortos*, em nome adquiriu, segundo a tradição, pelos que ali perderam a vida, na batalha que se feriu n'ela sexta feira 21 de fevereiro de 1373.

(2)—A vila de Rates foi destruída varias vezes pelos gallegos, tendo guerras comédico.

Segundo o meu conhecimento, em 1336, das desavenças entre o nosso D. Afonso IV e seu gero D. Afonso XI, de Castela, foi ela invadida.

Atravessando o rio Minho perto da sua foz, e seguindo pelo litoral até o Porto, assolaram esta província D. Fernando de Castro e seu irmão D. João de Castro, fronteiros-móres da Galiza, que á frente dum grô so corpo de gente de pé e de cavalo, entraram na vila de Rates, que saquearam e destruiram.

Socorrer-lhe o mesmo na incursão de D. Pedro Rodrigues Sarmiento, adiantado da Galiza, em 1373.

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto !)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto:
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente,
Que hum traco Rei faz fraca a forte gente.

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella de enlevado,
N'hum falso parecer mal entendido;
Ou foi que o coração sujeito e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, e fraco; e bem parece,
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz, e permittio;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David sancto se condemnia ?
Ou quem a Tribu illustre destruiu
De Benjamin ? Bem claro no-lo ensina
Por Sara Pharaon, Sichem por Dina.



E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra asteiçado.
Tu tambem. Peno prospero o sentiste,
Despois que hu'a moça vil na Apulia viste !

Mas quem pode livrar-se por ventura
Dos laços que Amor arima brandamente
Entre as rosas, e a neve humana pura,
O ouro, e o alabastro transparente ?
Quem de huma peregrina formosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte que tem preso,
Em pedra não; mas em desejo acceso ?

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Huma suave, e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia ?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experienzia :
Mas antes tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

FALA de D. NUNO ALVARES PEREIRA no
CONCELHO de GUERRA, REUNIDO no
CASTELO de ABRANTES

Eu só com meus vassallos, e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)

Antecedendo a batalha de Aljubarrota, dada a 14 de Agosto de 1385, El-rei D. João I, armou cavaleiros, entre outros nobres mancebos, a Alvaro de Faria e Estevam Lourenço Gaio, fieis vassalos do seu Condestável, e respectivamente filho e genro de Nuno Gonçalves, alcaide-mór do castelo de Faria. (1)

A'quellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não fecundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

Como da gente illustre Portugueza,
Ha de haver quem refuse o Patrio Marte ?
Como, desta província, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir quem negue ter deseza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito,
O proprio Reino queira ver sujeito ?

(1)—Nuno Gonçalves, alcaide-mór do Castelo de Faria, casara duas vezes :—Em primeiras nupcias, com D. Tereza Gonçalves de Meira, filha de Gonçalo Pais de Meira, um dos vencedores dos castelhanos na batalha da Veiga das Favas, junto a Guimarães, em 1371, e neto de Pais de Meira, meirinho-mór da província de Entre Douro e Miojo no reinado de D. Afonso IV, e deles teve filhos : Gonçalo Nunes, D. Tereza de Meira Faria e Alvaro de Faria, e, em segundas nupcias, com D. Constança Afonso, não havendo progenie deste matrimónio.

Como? Não sois vós inda os descendentes
 Daquelles, que debaixo da bandeira
 Do grande Henriques, feros e valentes,
 Vencestes esta gente tão guerreira?
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
 Puzeram em fugida, de maneira,
 Que sete illustres Condes lhe trouxeram
 Presos, afora a presa que tiveram?

Com quem foram contigo sopeados
 Estes, de quem o estais agora vós,
 Por Diniz, e seu filho, sublimados,
 Senão co'os vossois fortes pais, e avós?
 Pois se com seus descuidos, ou peccados,
 Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
 Torne-vos vossas forças o Rei novo;
 Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
 Igual ao Rei que agora alevantastes,
 Desbarataresis tudo o que quizerdes,
 Quanto mais a quem já desbaratates:
 E se com isto em fim vos não moverdes,
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atai as mãos a vosso vão receio,
 Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Eu só com meus vassallos, e com esta,
 (E dizendo isto arranca meia espada)
 Defenderei da força dura, e infesta,
 A terra nunca de outrem subjugada:
 Em virtude do Rei, da Patria mesta,
 Da lealdade já por vós negada,
 Vencerei, não só estes adversarios,
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios.



NUNO GONÇALVES, ALCAIDE-MÓR

DO

CASTELO DE FARIA, sacrificando a vida pela
Pátria (Quadro de Ernesto Condeixa, existente no
palacete do Ex.^{mo} Snr. José de Bessa e Menezes).

DAS CÓPLAS SOBRE as «ARMAS e BRAZÕES»
da NOBREZA deste REINO

por

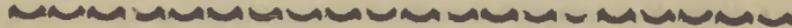
JOÃO RODRIGUES de SÁ e MENEZES ()

Oo pee dum castello herguido,
por se nom ver abaixado,
jaz huum corpo espedaçado,
em muytas partes partydo,
por nom ser duma apartado.

Farie é, que nom farya,
peronde a cavallaria
se perdesse, erro nem tacha,
que desta maneira s'hacha,
por guardar o que devya.

«Cancionero Geral» de Garcia de Resende, 1516.

(1) — *José Rodrigues de Sá e Menezes*, poeta do século XVI, foi senhor de Baltar, Paiva, Matosinhos, etc. e alcaide-mór do Porto, onde faleceu com 115 anos de idade. Como embaixador dos reis D. Manuel e D. João III passou a Castela e a Saboia, pelo casamento da infanta portuguesa D. Beatriz. Mantinha relações de amizade com Damião de Góis e Sá de Miranda, merecendo-lhes referências elogiosas. Dos trabalhos literários deste erudito fidalgio se publicaram duas cartas, uma poesia em latim e outras em português, que traz o *Cancionero de Garcia de Resende*.



EPISÓDIO DO CASTELO DE FARIA

por

JERÓNIMO CORTE-REAL⁽¹⁾

Nas guerras que Fernando Lusitano
 Teve já com Castella antigamente,
 Reinando Henrique então, Rey Castelhano,
 Com perdas, & com mal de muita gente,
 Ambas partes igual recebem dano,
 Em ambas o trabalho está evidente;
 Inda que o Portuguez males passava,
 Das perdas co a menor sempre ficava.

Estava no castello de Faria
 Hum Portuguez leal, digno de gloria,
 Nuno Gonçalvez hé, que residia
 Nelle, como ficou por clara historia,
 E vendo que o Sarmiento já vencia;
 Inda que era sangrenta a sua victoria,
 O castello deixando a bom recado,
 Entre os seus cavalleiros vem armado.

(1) — *Jerónimo Corte-Real*. Fidalgo, soldado, pintor e poeta. Como capitão-mór das nossas armadas percorreu a India e, acompanhando a el-rei D. Sebastião a África, perejou na batalha de Alcacer-Quibir, onde foi prisoneiro, em 1578.

As suas obras são: *Segundo cerco de Diu*, poema de 21 cantos, em verso solto; *Austríada*, sobre a batalha de Lepasto ganha por D. João de Áustria contra os turcos, poema de 15 cantos na língua castelhana; *Nausfrágio de Sepúlveda*, poema de 17 cantos em verso bolco; *Auto dos quatro nevissimos de homem*, poemeto em verso solto. Em todas as suas composições ha episódios de merecimento e como alivia á facultade poética o conhecimento da pintura, ilustrou-as com desenhos das batalhas e dos naufragios; era, porém, um pintor mediocre, assim o diz o Sr. Albino Pereira Magno.



Com colerica furia entra ferindo
 Os que já vencedores se mostravão,
 Mas aquelles ao encontro resistindo,
 O pequeno esquadrão desbaratavão :
 O Capitão fortissimo sentindo
 Que as forças ao cavallo já saltavão,
 Querendo sustentar-se cae em peso,
 E foi dos Castelhanos logo preso.

Assi passou aquelle triste dia,
 De varios pensamentos avexado;
 Dura afflição, & intrinseca agonia
 O tem posto em tristissimo cuidado :
 Imagina que o filho entregaria
 Por ventura o castello encomendado,
 Se diante dos seus olhos o levassem,
 E com morte, ou tormentos o ameassem.

E co este trabalhado pensamento,
 Nunca o peito afligido assossegou,
 Sentido dentro nalma tal tormento,
 Que pouco em toda a noite repousou :
 E com dissimulado fingimento,
 Tanto que o Sol a terra alumiou;
 Diz ao hespanhol Sarmiento, que o mandasse
 Pera ao filho dizer, que se entregasse.

De tal caso o Sarmiento muy contente
 O manda levar logo a bom recado;
 De muita bem armada, & forte gente,
 Vai o Capitão preso, rodeado;
 Com passo acellerado, & diligente,
 Ao conhecido muro já chegado
 Chama o filho, & em voz alta lhe disse,
 Porque o hespanhol imigo bem o ouvisse.

Já sabeis, filho meu, como jurei
 A el Rey, nosso senhor, com grão firmeza,
 E a omenage, & fé sincera lhe dei,
 De guardar esta sua fortalleza :
 O acontecido mal não sospeitei,
 Em que agora me vejo, em tal baixeza
 Nas mãos de meus imigos vencedores,
 Por terem mor poder, forças mayores.

Por benção paternal, filho, vos mando,
 Que o castello del Rey o defendais,
 Nenhum pacto sobre isto aqui aceitando;
 Mas antes o inimigo resistais :
 Ainda que do feroz contrario bando
 Aqui fazer pedaços me vejais,
 Estai firme, constante, estai seguro,
 Que menos he morrer, que serperjuro.

A el Rey de Portugal, nosso senhor,
 O entregareis, & a quem elle mandar,
 Não vos move de mim piedade, ou amor,
 Nem tormentos, que aqui me vejais dar :
 Passarei levemente a morte, & a dor,
 Pois immortal a fama ha de ficar;
 Guardai minha omenage prometida,
 Que eu quero, & estimo mais, q'a a propria vida.

Estas palavras dignas de memoria
 Disse : & dos Castelhanos foi ferido,
 Alcançando huma illustre, alta victoria,
 Cae morto e prisioneiro, não rendido.
 Coroa de louvores, de fama, & gloria,
 Ganhou, ficando o corpo alli estendido :
 E hum nome heroico ao mundo eternamente
 Ficara de hum varão tão excellente.

DE PEDRO de AZEVEDO TOJAL (1)

Os que viste até aqui Conquistadores,
 Forão do Luso Imperio tão preclaro;
 Vamos agora aos bravos Defensores,
 Cujos peytos lhe forão muro y amparo :
 Este que de morrer entre os furosos
 De Marte alegre ostenta o vulto claro,
 Nuno Gonçalves he, a quem a sorte
 Braço izentou das duas leys da morte.

Carlos Redusido, Inglaterrà Ilustrada, 1716, canto XI, est. 27.

(1)—*Pedro de Azevedo Tojal*. Poeta do século XVIII que traduziu do italiano as obras de Tasso e que escreveu o poema *Carlos Redusido* (Lisboa—1716) e o poema herói-cómico *Foguetório* (1729), para redigularizar o inventor dos ba'ôs: Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, por antonomásia o *Voador*. Mendes dos Remédios nos seus «Subsídios», vol. IV, reeditou este último poema de Azevedo Tojal.

PORTUGAL VELHO no SÉCULO XIX

pelo

VISCONDE de AZEVEDO (1)

Os nossos avós jarretas,
Lá nos tempos corunchosos,
Ao lume, contando pétas,
Entre creados idosos,
Passavam noites selectas.

Folkas, chás e contradanças
São coisas que nunca viram!
Todas as suas mestranças
D'Africa os mouros sentiram
Na ponta das fortes lanças.

Tinham barbas não pequenas,
Bigóde em forma avultada,
Cabeleiras nazarenas,
Nunca usaram nem pomada
Que lhes ungisse as meleñas.

(1)—Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca de Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Celho, foi feito 1.º Visconde de Azevedo por dec. de 19 de Agosto e carta de 9 de Setembro de 1846, e elevado a 1.º Conde do mesmo título, em sua vida, por dec. de 23 de Novembro e carta de 5 de Dezembro de 1876.

Paleceu no Porto a 23 de Dezembro de 1876.

A sua bibliografia é extensa por isso, deixo de a descrever nestas minhas ligeiras notas.

Vinha o padre capelão
 As vidas dos santos ler,
 E muitas vezes então,
 Quem a Ásia fez tremer
 Chorava de compunção !

Crença tão sincera e pia
 Creou quasi homens divinos !
 Da descrença hoje a mania
 Cria apenas figurinos
 Com fórmula varia de enguia.

Mosca subtil hoje pende
 Sob o mesquinho bigóde...
 Quem tal miseria atende
 Com razão duvidar pôde
 De onde esta barba descendê !

Palavra, de um portuguez
 Valia como escritura :
 Da barba cabelos trez
 Hipoteca eram segura
 Quando o grande Castro o fez !

Palavras hoje, aos milhões,
 Não faltam... isso é verdade;
 Mas vê-se tremer sezões,
 Quem teve tanta bondade
 Que emprestou os seus tostões !

NO CASTELO DE FARIA
 SUSTENTA LEAL SOLDADO
 ESSA HERDADA VALENTIA,
 COM QUE UM CIDADÃO HON
 A VIDA À PÁTRIA OFFERÇA

biblioteca
 municipal
 barcelos



59886

O Castelo de Faria